

## ARACTERIZAÇÃO DOS RÉPTEIS DESCARTADOS POR MANTENEDORES PARTICULARES E ENTREGUES AO CENTRO DE CONSERVAÇÃO E MANEJO DE RÉPTEIS E ANFÍBIOS – RAN

**VALÉRIA LEÃO SOUZA**

**TATIANE MENDONÇA DOS SANTOS**

**ALFREDO PALAU PEÑA**

**VERA LÚCIA FERREIRA LUZ**

**ISAÍAS JOSÉ DOS REIS**

Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN). Rua 229 nº 95, Setor Leste Universitário, 74605-090, Goiânia, Goiás; e-mail: valeria.souza@ibama.gov.br

**RESUMO:** O interesse das pessoas em manter animais silvestres como animais de estimação é mais um incentivo à prática do comércio predatório e indiscriminado da fauna silvestre. Neste estudo foram analisados os registros de recebimento de répteis pelo Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN), entre agosto de 2002 e dezembro de 2005, para identificar as causas da devolução, o número de espécies e a integridade física e a saúde dos animais. Os dados foram separados por grupos taxonômicos e descritos em tabelas e gráficos. A principal causa de devolução alegada pelos mantenedores no ato da entrega foi o desinteresse pelos animais. Dos 136 indivíduos registrados, 70% eram quelônios, 26% Squamata e 4% crocodilianos. Entre os quelônios, a família Testudinidae foi a mais representativa (67%). Dos 35 espécimes de Squamata, 42% pertenciam à família Viperidae, 15% à Colubridae, 32% à Boidae e 11% à Iguanidae. Os crocodilianos foram os menos expressivos, com apenas cinco exemplares de três espécies. A maior parte dos animais apresentava bom estado de saúde. Considera-se de grande importância que as autoridades competentes desenvolvam projetos educativos e de esclarecimento para a sociedade, bem como para controlar e reprimir o comércio ilegal da fauna silvestre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Animal de estimação, entrega voluntária, Goiás, mantenedores particulares, répteis.

**ABSTRACT:** The interest of people in keeping wild animals as pets stimulates the predatory trade of the wild fauna. In the present study, the register of reptiles received by Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN), from August 2002 to December 2005, was analyzed to identify the causes of relinquishment, number of species and physical integrity and health of the animals. The data were separated according to zoological groups and described in tables and graphics. The main reason for relinquishment alleged by the owners was the lack of interest in the animals. From the 136 animals reported, 70% were chelonians, 26% Squamata, and 4% crocodilians. Among the chelonians, the family Testudinidae was the most representative (67%). Among the 35 specimens of Squamata, 42% belonged to the family Viperidae, 15% to Colubridae, 32% to Boidae, and 11% to Iguanidae. The crocodilians were the least expressive, registering only five specimens of three species. Most animals were in good health. It is very important that the governmental authorities in charge develop educational projects to enlighten society about this issue and to control and repress the illegal trade of wild animals.

**KEY WORDS:** Pet animal, relinquishment, Goiás, private owners, reptiles.

### INTRODUÇÃO

O Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN), um dos centros

especializados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), com sede em Goiânia-GO, é

responsável pela conservação e manejo de répteis e anfíbios em nível nacional. Uma das principais dificuldades enfrentadas pelo RAN refere-se ao número de quelônios e outros répteis que lhe são entregues, constantemente, por pessoas que os “encontram” ou desistem de mantê-los sob cativeiro doméstico.

O tráfico de animais silvestres, responsável pela retirada de grande quantidade da fauna do ambiente natural, é citado como o maior estimulador da aquisição ilegal desses animais. Constitui o terceiro maior comércio ilícito do mundo, perdendo apenas para os tráficos de narcóticos e armas (Borges et al., 2006). Movimenta cerca de 10 bilhões de dólares por ano, sendo o Brasil responsável por aproximadamente 10% desse mercado (Marcondes, 2005).

A modalidade de *pet shop* é a que mais incentiva o tráfico de animais silvestres no Brasil. Devido à grande procura, quase todas as espécies da fauna brasileira estão incluídas nessa categoria. Os preços praticados dependem da espécie e da quantidade encomendada (RENCTAS, 2001).

Além de grave problema intrínseco, o comércio ilegal de animais silvestres acaba gerando um problema secundário quando a pessoa que o comprou, motivada por medo de punição, por arrependimento ou simplesmente por perder o interesse em criá-lo, decide não mais ficar com o animal. Nesse momento, o proprietário tem duas opções para desfazer-se do animal: o caminho mais ético, que é a tentativa de devolução ou a doação para uma instituição que possa abrigá-lo ou dar-lhe uma destinação segura, ou o caminho pouco ético e mais irresponsável, que é o abandono do animal em um lugar aleatório, sem qualquer critério ou preocupação.

Grande parte da população e dos governantes não tem consciência sobre o valor ecológico que as espécies da fauna desempenham na estruturação e manutenção dos ecossistemas, ou que depende delas o equilíbrio biológico essencial para todas as formas de vida (Vidolin et al., 2004).

A introdução de espécies exóticas, como a tartaruga de orelha vermelha ou tigre d'água americano (*Trachemys scripta elegans*, Wied, 1839), uma das mais populares entre as pessoas que optam por esse tipo de réptil como

animal de estimação, pode provocar danos à biota local, se isso for feito sem os devidos cuidados. Segundo Ribeiro & Sousa (2004), esse quelônio compete por alimento com espécies nativas, exerce predação (por exemplo sobre girinos), pode entrar em processo de hibridização com outras espécies do mesmo gênero, além de introduzir parasitas. Todos esses fatores podem resultar no desequilíbrio das populações locais. Além disso, os animais que ficaram cativos e são soltos – mesmo os de espécies nativas – encontram dificuldades de readaptar-se às condições de vida natural e, conseqüentemente, em sobreviver.

Outro problema é que, quando submetidos a condições estressantes decorrentes de captura, transporte, colocação em novo ambiente, mudança alimentar, manejo ou exposição em *pet shops*, os animais silvestres sofrem queda da capacidade imunológica, podendo desenvolver quadros infecciosos. Em geral, os répteis são portadores assintomáticos de *Salmonella* spp. e, nas situações descritas acima, o processo infeccioso é ativado, com conseqüente eliminação desse parasita pelas fezes. Uma vez tendo sido eliminada por animais infectados, a *Salmonella* apresenta alta resistência no ambiente. Dessa forma, não somente o contato direto com o animal mas também a manipulação do local em que é mantido pode levar à infecção humana (Grespan, 2001).

Portanto, antes de adquirir um animal de estimação é preciso que as pessoas busquem conhecer as necessidades e as exigências da espécie escolhida para avaliar a possibilidade de mantê-lo durante toda a sua vida. Somente depois de analisados todos os aspectos, a aquisição deve ser feita em estabelecimentos legalizados para a comercialização.

O objetivo do presente estudo foi identificar as causas da devolução, o número das espécies e a integridade física e a saúde dos répteis recebidos pelo RAN, buscando melhor controle e divulgação desses registros, já que existem poucos relatos dos casos ocorrentes.

## MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado a partir da análise dos registros de recebimento e/ou

apreensão de répteis no RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005.

As fichas de recebimento continham as seguintes informações:

Espécie;  
Data da entrada;  
Nome do mantenedor;  
Endereço e telefone do mantenedor;

Motivo da doação: ausência de recurso financeiro, ausência de espaço físico, apreensão por denúncia, conhecimento da ilegalidade, desinteresse pelo animal, desconhecimento do manejo, não informado;

Origem: compra, doação por terceiros, encontrado em vias públicas, não informado;

Faixa etária do animal: adulto, filhote, indeterminada;

Tempo de permanência com o animal: horas, dias, meses, anos;

Saúde do animal: boa, regular, lesão corporal, lesão na carapaça, lesão no plastrão.

As faixas etárias dos animais foram definidas segundo critérios adotados pelo RAN. Para os quelônios, é levado em consideração o padrão de comprimento médio da carapaça de um animal adulto e de filhotes (Tabela 1); para os outros répteis, é considerada a medida do comprimento total (do focinho à ponta da cauda) (Tabela 2).

**Tabela 1** – Classificação das faixas etárias dos quelônios com base na medida do comprimento da carapaça, segundo critério adotado pelo RAN.

Nome científico	Nome comum	Medida do comprimento da carapaça (cm)		
		Filhote	Jovem	Adulto
<i>Geochelone carbonaria</i> (Spix, 1824)	Jabuti-piranga ou jabuti vermelho	Até 6	De 7 a 20	Acima de 21
<i>Geochelone denticulata</i> (Linnaeus, 1766)	Jabuti-tinga ou jabuti amarelo	Até 6	De 7 a 20	Acima de 21
<i>Trachemys dorbigni</i> (Duméril & Bibron, 1835)	Tigre d'água brasileiro	Até 6	De 7 a 10	Acima de 11
<i>Trachemys scripta elegans</i> (Wied, 1839)	Tigre d'água americano ou tartaruga de orelha vermelha	Até 6	De 7 a 10	Acima de 11
<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	Cágado de barbicha	Até 6	De 7 a 20	Acima de 21
<i>Phrynops</i> spp.	Cágado	Até 6	De 7 a 20	Acima de 21
<i>Podocnemis unifilis</i> (Troschel, 1848)	Tracajá	Até 6	De 7 a 20	Acima de 21

A sexagem dos quelônios foi baseada no dimorfismo sexual das espécies, com a observação de plastrão, cauda e outras características particulares. Para serpentes e lagartos, além do dimorfismo sexual das espécies, a determinação do sexo baseou-se na observação de presença ou ausência do hemi-pênis, obtida por meio de punção ou pressão caudal. Quanto aos jacarés, a sexagem foi feita por pressão cloacal ou toque, observando-se a presença ou ausência de pênis.

O diagnóstico do estado de saúde foi realizado por inspeção visual do animal, verificando-se: capacidade de reação a estímulos táteis ou apatia; estado nutricional (desnutrição, desidratação, caquexia e incoordenação

ou paralisia das patas posteriores) e, no caso de quelônios, peso inferior ao esperado para a faixa etária, pele enrugada, ossatura proeminente, carapaça mole e/ou deformada; sinais de enfermidades respiratórias, como edema palpebral, exoftalmia, secreção nasal com obstrução das vias respiratórias; lesões corpóreas; estomatite; parafimatose; prolapso de cloaca; e presença de fungos e ectoparasitas, tais como sanguessugas, carrapatos e piolhos.

Os dados foram separados por grupo taxonômico (quelônios, crocodilianos e Squamata), submetidos à análise exploratória utilizando estatística descritiva (Babbie, 2003) e, posteriormente, convertidos em gráficos utilizando o programa Microsoft Excel.

**Tabela 2** – Classificação das faixas etárias de jacarés, lagartos e serpentes com base na medida do comprimento total (do focinho à ponta da cauda), segundo critério adotado pelo RAN.

Nome científico	Nome comum	Medida do comprimento da carapaça (cm)		
		Filhote	Jovem	Adulto
Jacarés				
<i>Paleosuchus palpebrosus</i> (Cuvier, 1807)	Jacaré-paguá	Até 35	De 36 a 80	Acima de 81
<i>Caiman crocodilus</i> (Linnaeus, 1758)	Jacaré-tinga	Até 50	De 51 a 150	Acima de 150
<i>Caiman latirostris</i> (Daudin, 1801)	Jacaré-do-papo-amarelo	Até 50	De 51 a 150	Acima de 150
<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1958)	Iguana	Até 50	De 51 a 80	Acima de 81
Serpentes				
<i>Crotalus durissus collilineatus</i> (Amaral, 1966)	Cascavel	Até 30	De 31 a 100	Acima de 101
<i>Bothrops moojeni</i> (Hoge, 1965)	Jararaca	Até 30	De 31 a 120	Acima de 121
<i>Bothrops newieddi</i> (Wagler, 1824)	Jararaca pintada	Até 25	De 26 a 50	Acima de 51
<i>Oxyrhopus guibei</i> (Hoge & Romano, 1977)	Falsa coral	Até 30	De 31 a 80	Acima de 81
<i>Liophis poecilogyrus</i> (Wied, 1825)	Capinzeira	Até 25	De 26 a 40	Acima de 41
<i>Boa constrictor</i> (Linnaeus, 1758)	Jibóia	Até 40	De 41 a 100	Acima de 101
<i>Boa constrictor amarali</i> (Stull, 1932)	Jibóia cinzenta	Até 40	De 41 a 100	Acima de 101
<i>Corallus hortulanus</i> (Gray, 1842)	Cobra cachorro ou Suaçubóia	Até 30	De 31 a 100	Acima de 101
<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)	Sucuri	Até 50	De 51 a 150	Acima de 151
<i>Sibynomorphus mikanii</i> (Schlegel, 1837)	Dormideira	Até 20	De 21 a 30	Acima de 31

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### NÚMEROS DE ANIMAIS

Dos 136 espécimes entregues ao RAN, 70% pertenciam ao grupo dos quelônios, 26% ao dos Squamata e 4% ao dos crocodilianos.

Segundo Hoover (1999), os répteis são os animais de estimação em moda por causa da maior disponibilidade e variedade de espécies, do incremento das técnicas de criação em cativeiro, das maiores restrições ao comércio de outras espécies de animais e, principal-

mente, porque, pelos seus hábitos, necessitam menos cuidados que mamíferos e aves.

Em estudo realizado por Peixoto et al. (2003), no Parque Ecológico “Mourão”, em Leme-SP, 50% da entrada de répteis foi de Squamata da Família Iguanidae (19 espécies); 45% de quelônios, distribuídos nas famílias Emydidae (18%), Testudinidae (24%) e Chelidae (3%) (sete, nove e uma espécies, respectivamente); e 5% de crocodilianos da família Aligatoridae (duas espécies). Esses dados são diferentes dos obtidos no presente estudo, em que a quantidade de quelônios foi superior à de outros grupos zoológicos (Tabela 3).

**Tabela 3** – Distribuição por família e espécie dos répteis entregues ao RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005.

Grupo zoológico	Família	Espécie	Animais entregues (nº)	
Quelônios	Testudinidae	<i>Geochelone denticulata</i>	11	
		<i>Geochelone carbonaria</i>	52	
	Chelidae	<i>Phrynops</i> spp.	9	
		<i>Phrynops geoffroanus</i>	11	
	Emydidae	<i>Trachemys dorbigni</i>	5	
		<i>Trachemys scripta elegans</i>	7	
	Podocnemididae	<i>Podocnemis unifilis</i>	1	
	Squamata	Iguanidae	<i>Iguana iguana</i>	4
		Viperidae	<i>Crotalus durissus collilineatus</i>	12
			<i>Bothrops moojeni</i>	2
<i>Bothrops newieddi</i>			1	
Colubridae			<i>Oxyrhopus guibei</i>	3
			<i>Liophis poecilogyrus</i>	1
			<i>Sibynomorphus mikanii</i>	1
Boidae		<i>Boa constrictor</i>	2	
		<i>Boa constrictor amarali</i>	6	
		<i>Corallus hortulanus</i>	2	
		<i>Eunectes murinus</i>	1	
Crocodilianos		Aligatoridae	<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	2
			<i>Caiman crocodilus</i>	1
	<i>Caiman latirostris</i>		2	

Muitos desses animais são provenientes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, como é o caso das espécies *Geochelone denticulata* e *G. carbonaria* (família Testudinidae), e seu principal destino é a região Sudeste, onde se concentra o maior número de consumidores.

O relatório do WWF (1995) aponta a região Centro-Oeste como a segunda maior “fornecedora” de animais para o comércio ilícito do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, em que são vendidos em feiras livres ou mesmo exportados para Europa, Ásia e América do Norte.

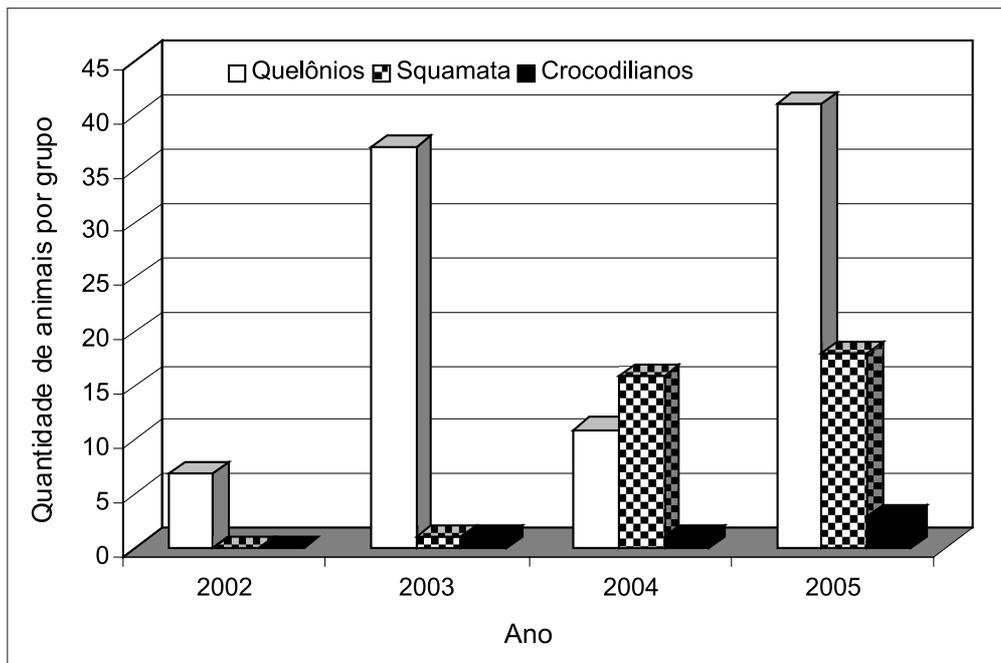
Ao longo do período deste estudo, somente no ano de 2004 o número de espécies do grupo Squamata, especialmente ofídios, superou o de quelônios entregues ao RAN. O ano de 2005 foi o de maior ocorrência de entregas registradas para todos os grupos (Figura 1).

A princípio, suspeitou-se de que o aumento na devolução de animais silvestres ti-

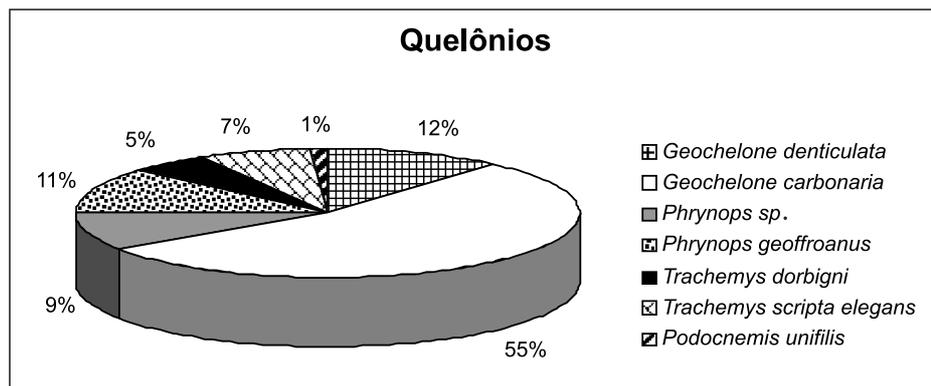
vesse ocorrido devido ao temor do cidadão de ser punido pelo porte ilegal de animais da fauna brasileira. No entanto, as fichas de registro mostraram que poucas pessoas tinham conhecimento da Lei de Crimes Ambientais. Outro aspecto a ser considerado é que como o RAN é relativamente novo, criado em 2001, com o tempo está se tornando conhecido pela população por sua atuação específica com répteis e anfíbios, justificando a elevação no número de entregas de répteis mantidos por particulares.

#### GRUPO DOS QUELÔNIOS

Dos quelônios entregues ao RAN, a espécie mais freqüente foi *Geochelone carbonaria*, conhecida popularmente como jabuti-piranga (Figura 2), com 52 indivíduos. Juntos, os quelônios da família Testudinidae representaram 67% do grupo, por se tratarem de animais



**Figura 1** – Quantidade anual de répteis entregues ao RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005.



**Figura 2** – Percentual das espécies de quelônios recebidas pelo RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005.

dóceis, rústicos, fáceis de serem adquiridos (mesmo por meios ilícitos) e, possivelmente, também por estarem associados à credence popular de que quem o possui em casa se livra de doenças como bronquite e asma, por exemplo ([www.farmaciarosario.com.br/saude/asma\\_cred.asp](http://www.farmaciarosario.com.br/saude/asma_cred.asp)).

Em um estudo realizado entre universitários brasileiros, Molina e Piraino (2002) encontraram elevado percentual de animais silvestres (32,8%) criados como bichos de estimação. Dos répteis, os mais frequentes foram quelônios nativos e exóticos da Ordem Testu-

dines (5,4%). Entre os nativos, o jabuti (*Geochelone spp.*) teve maior destaque (1,6%).

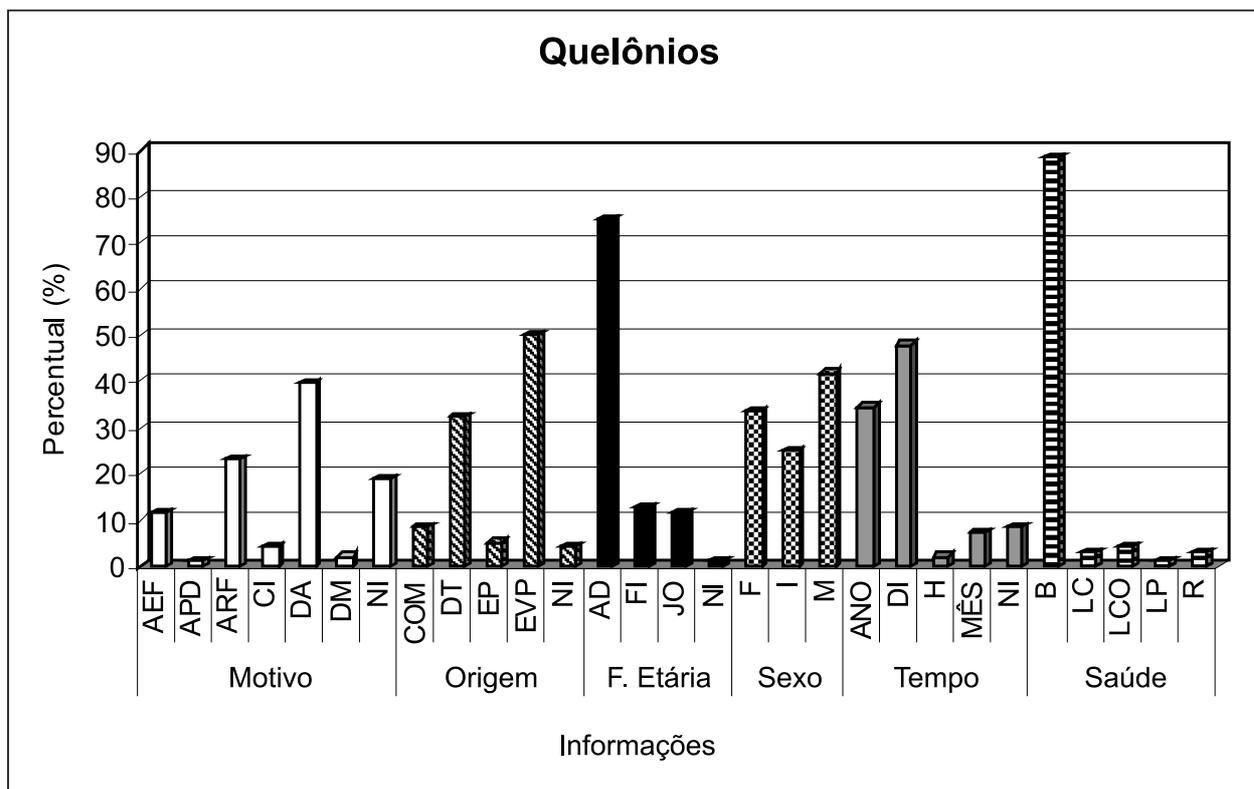
Os animais do gênero *Phrynops* fazem parte do grupo de quelônios que retrai o pescoço, curvando-o lateralmente sob a carapaça para a esquerda ou para a direita, e são conhecidos como cágados (Ribeiro & Sousa, 2004). Espécies desse gênero corresponderam a 20% dos quelônios entregues ao RAN (Figura 2). Alguns animais foram classificados como *Phrynops spp.*, pela impossibilidade da identificação precisa das espécies. São animais de pouca atração pelo aspecto físico e, por isso, raramente são mantidos por seus coletores.

No entanto, por serem facilmente encontrados nos mananciais de água próximos a bairros residenciais, são freqüentemente capturados por hábito.

As espécies do gênero *Trachemys* ocuparam a terceira colocação no grupo de quelônios, representando 12% dos indivíduos entregues ao RAN. As espécies mais comuns foram: *Trachemys scripta elegans* (tigre d'água americano ou tartaruga de orelha vermelha), espécie exótica originária do sul dos Estados Unidos, e *Trachemys dorbigni* (tigre d'água brasileiro), endêmica no sul do Rio Grande do Sul (Figura 2). Ambas são muito procuradas como animais de estimação e, em geral, comercializadas ilegalmente. Essa comercialização ocorre quando as tartarugas estão com 4 ou 5 cm de comprimento, embora possam atingir cer-

ca de 30 cm na fase adulta. A primeira é a mais comumente encontrada no comércio nacional de *pets*, apesar de sua importação estar proibida desde 1991. A segunda, embora endêmica no Rio Grande do Sul, encontra-se disseminada em outros estados brasileiros.

No cômputo geral do grupo dos quelônios, observou-se que a maioria das pessoas entregou os animais ao RAN porque não tinha interesse pelo animal (40%), seguindo-se a ausência de recurso financeiro para sua manutenção (23%) (Figura 3). Tais dados indicam que, ao adquirir um quelônio, o mantenedor provavelmente não leva em consideração o fato de que, como qualquer outro animal de estimação, ele necessita de cuidados adequados e de gastos.



**Figura 3** – Informações prestadas por mantenedores particulares no ato da entrega dos quelônios ao RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005 e diagnóstico do estado de saúde realizado por inspeção visual dos animais.

**Motivo:** AEF= ausência de espaço físico; APD= apreensão por denúncia; ARF= ausência de recursos financeiros; CI= conhecimento da ilegalidade; DA= desinteresse pelo animal; DM= desconhecimento do manejo; NI= não informado. **Origem:** COM= comprou; DT= doado por terceiros; EP= encontrado na propriedade; EVP= encontrado em vias públicas; NI= não informado. **Faixa etária:** AD= adulto; FI= filhote; JO= jovem. **Sexo:** F= fêmea; M= macho; I= indefinido. **Tempo com o animal:** H= horas; DI= dias; MÉS= meses; ANO= anos; NI= não informado. **Saúde:** B= bom; LC= lesão na carapaça; LCO= lesão corporal; LP= lesão no plastrão; R= regular.

Além disso, a maioria dos animais foi encontrada em vias públicas (50%) ou chegou às mãos do mantenedor por terceiros (32%). Isso indica que a intenção de criar um quelônio é muito mais passiva do que realmente uma escolha, minimizando ainda mais a responsabilidade do mantenedor sobre o animal.

Grande parte dos quelônios recebidos era formada por indivíduos adultos (75%), seguida por filhotes (13%) e jovens (11%); 42% eram do sexo masculino e 89% apresentavam bom estado de saúde. A maior parte dos mantenedores (48%) passou apenas alguns dias com o animal, enquanto 34% deles afirmaram que permaneceram com o quelônio por, no mínimo, um ano (Figura 3).

Muitos desconhecem que, ao manter um animal silvestre em ambiente doméstico, podem incorrer em sérios riscos de contaminação por agentes patogênicos zoonóticos, como a *Salmonella*. No estudo realizado por Sá & Solari (2001), foi constatado que 93,3% dos quelônios estavam contaminados por *Salmonella*.

#### GRUPO DOS SQUAMATA

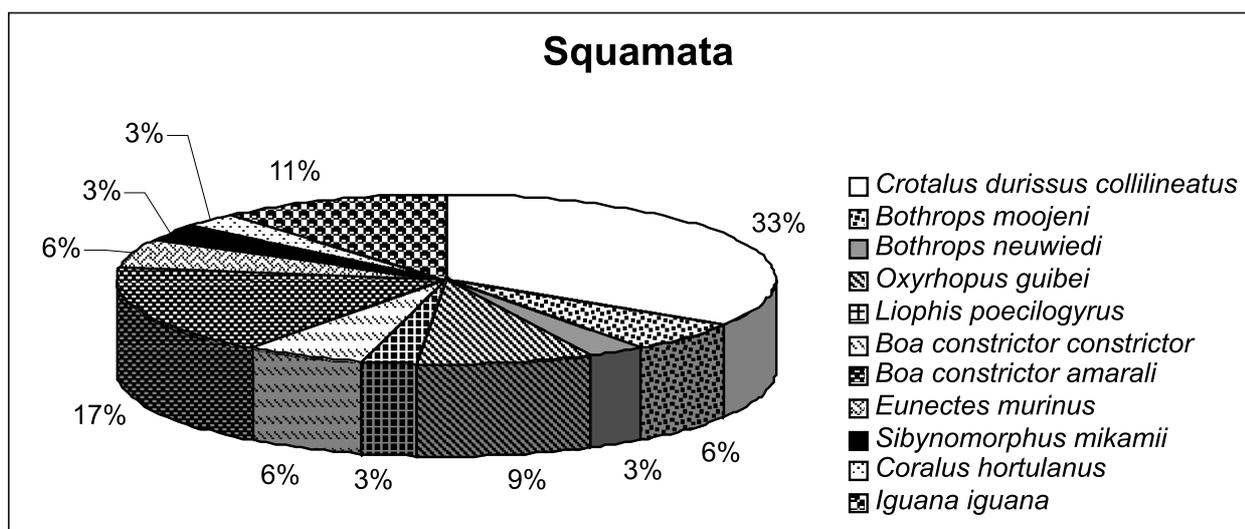
Entre os Squamata, dos 35 indivíduos recebidos pelo RAN, 42% pertenciam à família Viperidae, 15% à Colubridae, 32% à Boidae e 11% à Iguanidae (Figura 4).

A proliferação dos *pets*, como iguanas e serpentes, tornou-se um problema para os órgãos ambientais (Szpilman, 1999), pois pessoas mantêm esses animais em casa, como bichos de estimação, adquirindo-os por modismo; também pode ocorrer que, por encontrar dificuldade em passá-los adiante, os mantenedores os abandonem em locais públicos após certo período de convivência. Tal fato levou o IBAMA (2002) a suspender os pedidos de registros de novos criadouros de répteis para fins de produção de *pets* destinados à venda no mercado interno.

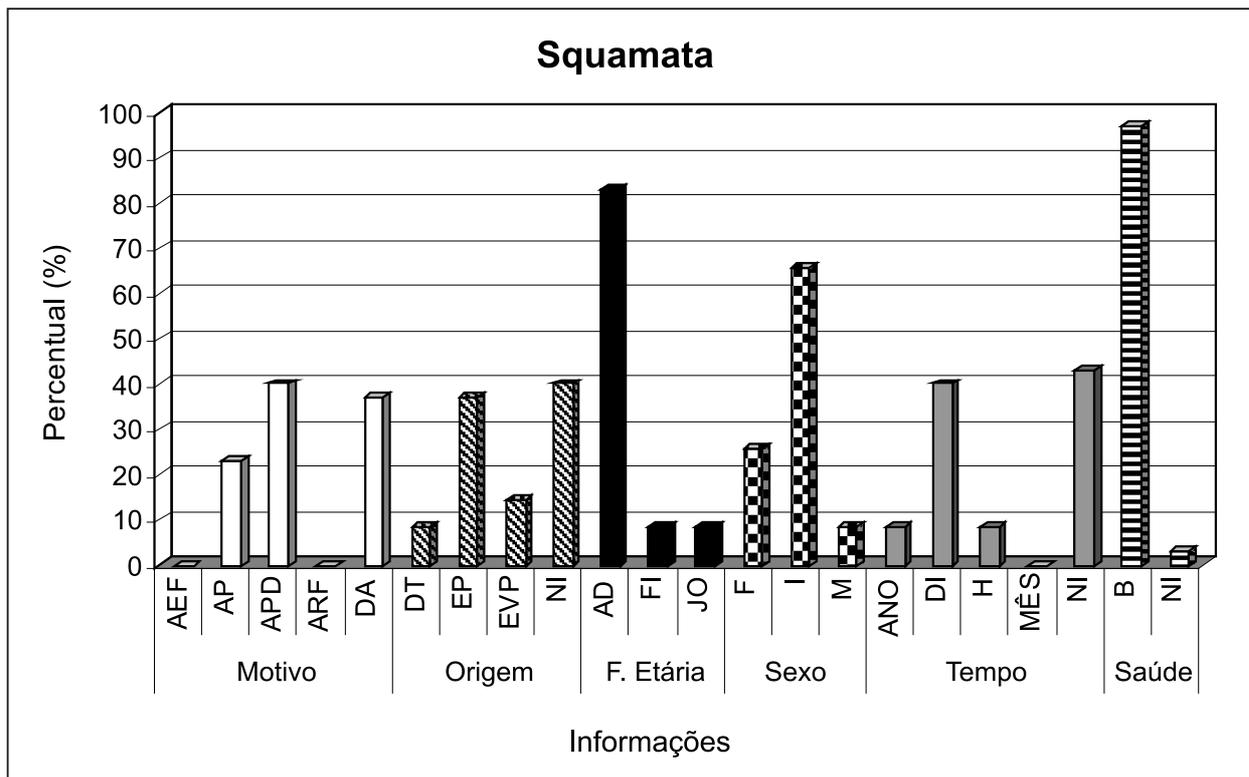
No caso dos iguanas e das serpentes estrangeiras, o abandono pode ser mais raro, já que, sendo bichos exóticos e geralmente cobijados por colecionadores, há possibilidades de trocas, vendas ou doações (Szpilman, 1999).

A introdução de espécies em qualquer ambiente, além de poder provocar o desequilíbrio ecológico das espécies nativas, ainda pode implicar risco à saúde pública pela introdução de novas doenças (Vidolin et al., 2004; Borges et al., 2006).

No presente estudo, o motivo mais expressivo para a entrega de Squamata no RAN foi a apreensão por denúncia (40%), seguido pelo desinteresse em permanecer com o animal (37%) quando se tratavam de serpentes não peçonhentas e iguanas (Figura 5). Isso pode ser justificado pelo temor das serpentes que a população em geral apresenta, o que leva as pessoas a recorrer às autoridades para que esses animais sejam resgatados.



**Figura 4** – Percentual das espécies de Squamata recebidas pelo RAN no período de agosto de 2002 a dezembro de 2005.



**Figura 5** – Informações prestadas por mantenedores particulares no ato da entrega dos Squamata ao RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005 e diagnóstico do estado de saúde realizado por inspeção visual dos animais.

**Motivo:** AEF = ausência de espaço físico; AP = animal perigoso; APD = apreensão por de por enúncia; ARF = ausência de recursos financeiros; DA = desinteresse pelo animal. **Origem:** DT = doado por terceiros; EP = encontrado na propriedade; EVP = doado em vias públicas; NI = não informado. **Faixa etária:** AD = adulto; FI = filhote; JO = jovem. **Sexo:** F = fêmea; I = indefinido; M = macho. **Tempo com o animal:** ANO = anos; H = horas; DI = dias; MÊS = meses; NI = não informado. **Saúde:** B = bom; NI = não informado.

Por outro lado, a manutenção de serpentes peçonhentas exóticas em casa oferece sério risco de picadas para as quais não existe soro específico no Brasil, o que pode acarretar a morte do acidentado.

No estudo realizado por Borges et al. (2006), os autores verificaram que as serpentes foram os animais que tiveram maior número de resgates, fato já esperado, pois elas oferecem poucos atrativos como animais de estimação no Brasil, com exceção de algumas espécies que interessam a um restrito grupo de aficionados.

A fim de propiciar a aquisição de animais legalizados por esse grupo de pessoas, o IBAMA autorizou a criação de jibóias (*Boa constrictor*) advindas de criadouros registrados, em uma tentativa de minimizar a pressão do tráfico sobre esses animais. A experiência mostrou-se temerosa quando várias pessoas começaram a abandonar os seus “bichinhos”

de estimação, obrigando o órgão a proibir o registro de novos criadouros de serpentes para atender a esse mercado (Borges et al., 2006).

Muitas das serpentes nativas conseguem sobreviver nos centros urbanos, principalmente nas áreas periféricas e, neste estudo, a cascavel (*Crotalus durissus collilineatus*) foi a mais comumente encontrada em residências. Isto se explica pelo crescimento da cidade que ocupa as áreas verdes, invadindo o espaço dos animais e tornando o encontro entre eles e o homem cada vez mais freqüente. Além disso, os aglomerados urbanos concentram resíduos, que mantêm população expressiva de roedores, alimento importante para os ofídios.

Cerca de 83% dos animais do grupo Squamata eram adultos, de sexo indefinido (66%), permaneceram com os mantenedores por poucos dias (40%) e apresentavam bom estado de saúde (97%).

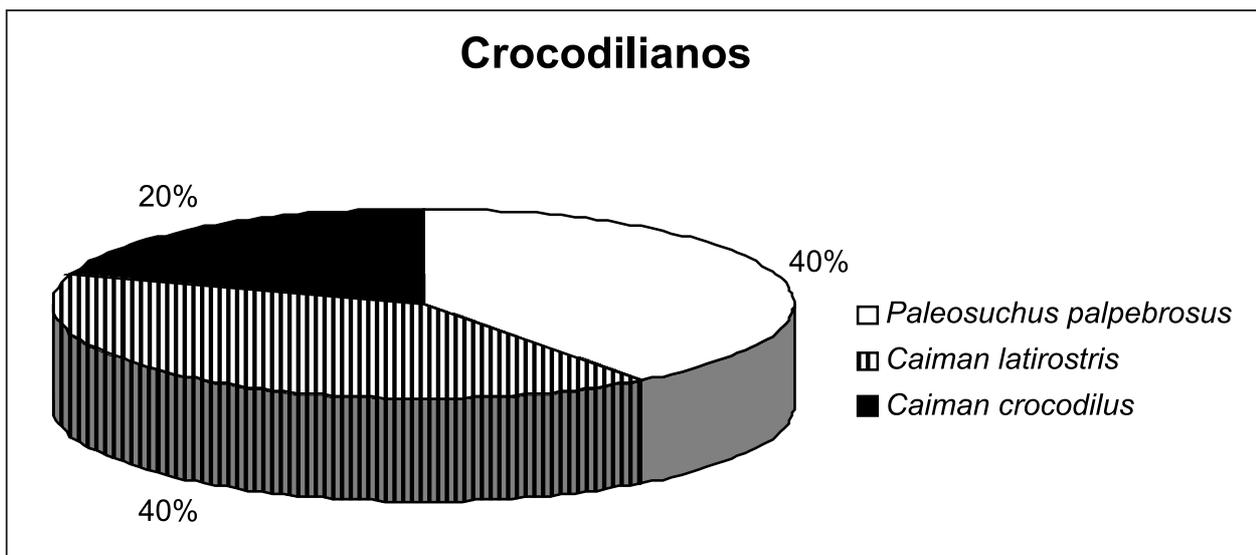
Os animais do grupo dos crocodilianos foram os menos expressivos, com apenas cinco exemplares de três espécies (Figura 6). Esses animais não são utilizados como *pets* e foram entregues ao RAN especialmente por se tratarem de animais perigosos, que colocam em risco a vida das pessoas nos lagos e represas de acesso público ou em propriedades rurais. O desinteresse em permanecer com o animal foi o principal motivo (80%) alegado pelos mantenedores (Figura 7). A maioria dos jacarés foi encontrada em propriedades rurais (60%), permaneceu com o mantenedor por poucos dias (40%), era animal adulto (60%), do sexo masculino (60%) e, aparentemente, estava em bom estado de saúde (100%).

São poucos os estudos (Peixoto et al., 2003; Vidolin et al., 2004; Borges et al., 2006) que tratam da problemática que os órgãos ambientais enfrentam quanto ao número de animais silvestres criados e/ou mantidos por pessoas no ambiente doméstico, as quais, ao se depararem com qualquer dificuldade ou por perda de interesse pelo animal, resolvem se desfazer dele.

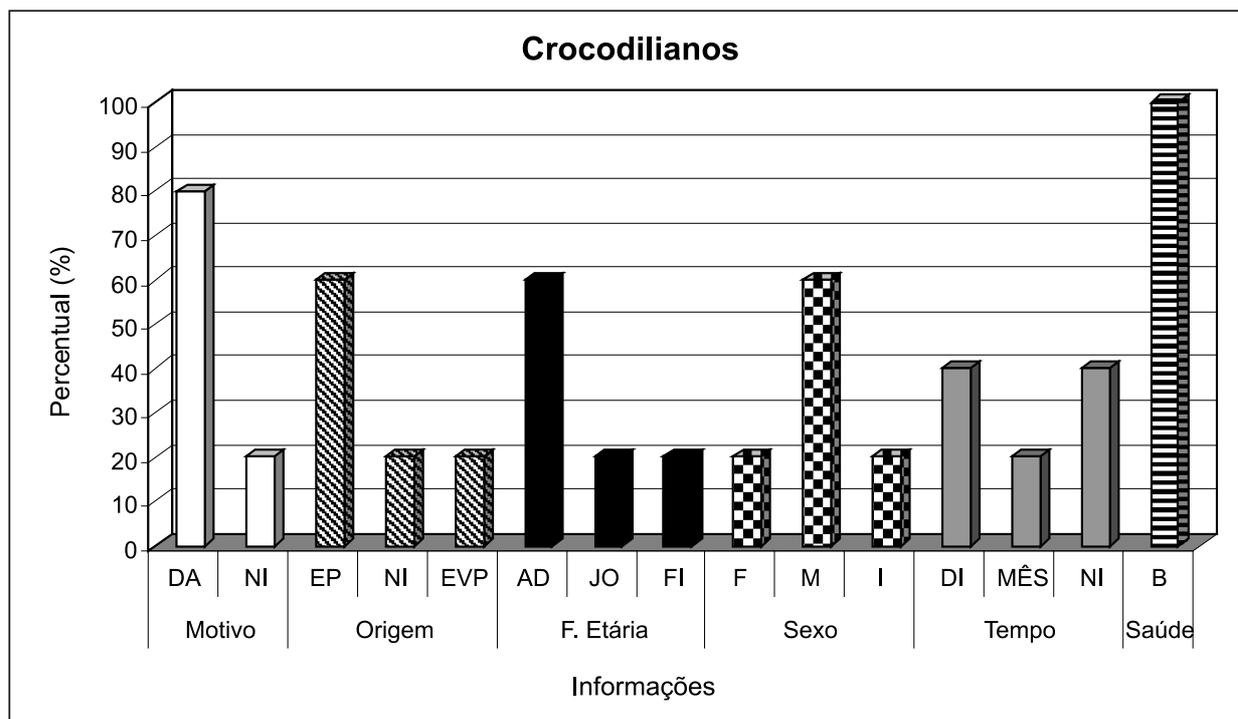
Apesar do número crescente de animais entregues ao RAN por mantenedores particu-

lares, não é o receio de sofrer as penalidades impostas pela Lei de Crimes Ambientais o principal motivo alegado pelas pessoas no momento da entrega. Segundo o RENCTAS (2001), o comércio ilegal de animais silvestres está associado a problemas culturais, de educação, pobreza, falta de opções econômicas, pelo desejo de lucro fácil e rápido, por *status* e satisfação pessoal em manter animais silvestres como bichos de estimação. Neste estudo pôde-se verificar que somente um pequeno número de pessoas que entregou quelônios (4%) tinha conhecimento da ilegalidade.

Portanto, a sociedade brasileira necessita mudança de comportamento em relação a toda a fauna silvestre, de modo a que venham a preferir que os animais vivam livres em seus ambientes originais, denunciando a comercialização ilegal e ensinando seus filhos a manter uma relação mais saudável e educativa com a natureza (Ribeiro & Sousa, 2004). Para que isso aconteça, programas educativos devem ser realizados, considerando principalmente os aspectos legais, ecológicos, sanitários, bem como os ligados ao bem-estar animal e às relações positivas entre homens e animais (Molina & Piraino, 2002).



**Figura 6** – Percentual das espécies de crocodilianos recebidas pelo RAN entre agosto de 2002 e dezembro de 2005.



**Figura 7** – Informações prestadas por mantenedores particulares no ato da entrega dos crocodilianos ao RAN, entre agosto de 2002 e dezembro de 2005 e diagnóstico do estado de saúde realizado por inspeção visual dos animais.

**Motivo:** DA = desinteresse pelo animal; NI = não informado. **Origem:** EP = encontrado na propriedade; NI = não informado; EVP = encontrado em vias públicas. **Faixa etária:** AD = adulto; JO = jovem; FI = filhote. **Sexo:** F = fêmea; M = macho; I = indefinido. **Tempo com o animal:** DI = dias; MÊS = meses; NI = não informado. **Saúde:** B = bom.

## REFERÊNCIAS

- Babbie, E.** 2003. Métodos de pesquisa de survey. 2ª reimpr., UFMG, Belo Horizonte, 519 p.
- Borges, R. C., A. Oliveira, N. Bernardo & R. M. M. C. da Costa.** 2006. Diagnóstico da fauna silvestre apreendida e recolhida pela Polícia Militar de Meio Ambiente de Juiz de Fora, MG (1998 e 1999). *Rev. Bras. Zool.* 8: 23-33.
- Grespan, A.** 2001. Salmonelose humana causada por répteis. *Bol. Inform. Anclivepa*, ano VI, nº 25, p. 14. Disponível em: <<http://www.anclivepa-sp.org.br/rev-6-25-02.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- Hoover, C.** 1999. Amazon tree boas to zulu-land dwarf chameleons: the US role in the international live reptile trade. *Traff. Bull.* 17. Disponível em: <<http://www.traffic.org/bulletin/archive/january99/livereptile.html>>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.** 2002. Instrução normativa n. 31, de 31 de dezembro de 2002. Disponível em: <<http://www.diagnostico.org.br/legislacao/legislacao.2005-10-19.5402768361>>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- Marcondes, S. A.** 2005. Brasil, amor à primeira vista! Viagem ambiental no Brasil do século XVI ao XXI. Peirópolis, São Paulo, 343 p.
- Molina, F. B. & D. A. Piraino.** 2002. Animais silvestres no mercado de animais de estimação: um fato real que necessita atenção especial. *Olam – Ci. Tecnol.* 2. Disponível em: <<http://www.olam.com.br/abstracts/abstract4/molina.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2008.

- Peixoto, J. E., M. C. Tischer & A. Miranda.** 2003. Entrada de répteis no Parque Ecológico "Mourão" durante o período de 1999 a 2002. *In*: Anais do 12º Congresso da Sociedade Paulista de Zoológicos. Disponível em: <<http://www.spzoo.org.br/0603.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- RENCTAS. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres.** 2001. 1º Relatório nacional sobre o tráfico de fauna silvestre. Brasília, 107 p. Disponível em: <[http://www.renctas.org.br/files/REL\\_RENCTAS\\_pt\\_final.pdf](http://www.renctas.org.br/files/REL_RENCTAS_pt_final.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- Ribeiro, L. B. & B. M. de Sousa.** 2004. Quelônios: quanto vale ter um? *Ci. Hoje* 35: 65-67.
- Sá, I. V. A. de & C. A. Solari.** 2001. *Salmonella* in Brazilian and imported pet reptiles. *Braz. J. Microbiol.* 32: 293-297. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-83822001000400007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-83822001000400007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- Szpilman, M.** 1999. Nossa fauna urbana. *Inform. Inst. Aqualung* 25.
- Vidolin, G. P., P. R. Mangini, M. de Moura Brito & M. C. Muchailh.** 2004. Programa estadual de manejo de fauna silvestre apreendida – Estado do Paraná, Brasil. *Cad. Biodivers.* 4: 37-49. Disponível em: <[http://www.pr.gov.br/meioambiente/iap/pdf/artigo\\_5.pdf](http://www.pr.gov.br/meioambiente/iap/pdf/artigo_5.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2008.
- WWF. World Wildlife Fund.** 1995. Tráfico de animais silvestres no Brasil. 1º informe. Brasília, 48 p.

Recebido em 19.IX.2006  
Aceito em 03.VIII.2007